

**Daniela Priscila
de Oliveira
Veronezi**

ORCID iD
<https://orcid.org/0000-0003-0148-5145>

Universidade
Federal de Goiás
(UFG)

**Suely Henrique de
Aquino Gomes**

ORCID iD
<https://orcid.org/0000-0002-5711-483X>

Universidade
Federal de Goiás
(UFG)

**O dispositivo midiático
de inclusão social de pessoas
com síndrome de Down**

**The media dispositif for
social inclusion of people
with Down syndrome**

**El dispositivo multimedia para
la inclusión social de personas
con síndrome de Down**

RESUMO

Esta investigação busca delinear as imbricações existentes no binômio comunicação e cultura, com o objetivo de entender o dispositivo de inclusão social a partir da análise do filme “Colegas”, lançado em 2013, e do contexto sócio-histórico de sua produção, com base na noção de dispositivo empregada por Foucault (2015) e operacionalizada por Deleuze (1996). Enquanto procedimento, o dispositivo requer o método de análise do discurso empregado neste estudo, em consonância com a análise fílmica, fundamentada em Vanoye e Goliot-Lété (2006), culminando no híbrido denominado de análise do discurso fílmico. Como resultado, possibilitou-se a compreensão do modo como os sentidos manifestos em “Colegas” dialogam com os discursos circulantes na sociedade contemporânea sobre a inclusão das pessoas com síndrome de Down e a principal conclusão é que o sujeito com Down foi construído em “Colegas” com base no momento histórico de produção do filme, que tem como premissa o dispositivo de inclusão social.

Palavras-chave: Comunicação; cultura; dispositivo; inclusão social; síndrome de Down.

ABSTRACT

This investigation seeks to delineate the imbrications existing in the binomial communication and culture, with the objective of understanding the social inclusion dispositif from the analysis of the film “Colegas”, released in 2013, and the socio-historical context of its production, based on notion of dispositif used by Foucault (2015) and operationalized by Deleuze (1996). As a procedure, the dispositif requires the method of discourse analysis used in this study, in line with film analysis, based on Vanoye and Goliot-Lété (2006), culminating in the hybrid called film discourse analysis. As a result, it made it possible to understand how the meanings manifested in “Colegas” dialogue with the discourses circulating in contemporary society about the inclusion of people with Down syndrome and the main conclusion is that the subject with Down was built in “Colegas” with based on the historical moment of production of the film, which has as its premise the dispositif of social inclusion.

Keywords: Communication; culture; dispositif; social inclusion; Down’s syndrome.

RESUMEN

Esta investigación busca delinear las imbricaciones existentes en la comunicación y cultura binomiales, con el objetivo de comprender el dispositivo de inclusión social a partir del análisis de la película “Colegas”, lanzada en 2013, y el contexto sociohistórico de su producción, basado en noción de dispositivo utilizada por Foucault (2015) y operativa por Deleuze (1996). Como procedimiento, el dispositivo requiere el método de análisis del discurso utilizado en este estudio, en línea con el análisis de la película, basado en Vanoye y Goliot-Lété (2006), que culmina en el híbrido llamado análisis del discurso de la película. Como resultado, se permitió comprender cómo los significados se manifestaron en el diálogo de “Colegas” con los discursos que circulan en la sociedad contemporánea sobre la inclusión de las personas con síndrome de Down y la conclusión principal es que el tema con Down se construyó en “Colegas” en función del momento histórico de producción de la película, que tiene como premisa el dispositivo de inclusión social.

Palabras clave: Comunicación; cultura; dispositivo; inclusión social; síndrome de Down.

Submissão: 20-9-2020

Decisão editorial: 16-6-2023

1. Introdução

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), aprovada em 1948 na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), suscitou um amplo e profundo debate sobre os direitos iguais e inalienáveis como fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo. Com isso, destaca-se como uma das transformações ocorridas no cenário internacional que impulsionou o Brasil a empreender esforços em prol da garantia dos direitos das pessoas com deficiência a partir da segunda metade do século XX, principalmente da década de 1980. Essa trajetória internacional, aliada aos movimentos sociais que emergiram no país na referida década exerceram grande influência sobre a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, em relação aos direitos desses sujeitos sociais.

No entanto, a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, aprovada pela Assembleia Geral da ONU, em 2006, é considerada o grande marco para as pessoas com deficiência em relação à conquista de seus direitos. Em 2009, essa Convenção foi promulgada no Brasil, após ser aprovada, em 2008, pelo Congresso Nacional com equivalência de emenda constitucional. Já em 2015, a Convenção resultou na instituição da Lei Brasileira de Inclusão da Pes-

soa com Deficiência, conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência.

Dados da Cartilha do Censo 2010 - Pessoas com Deficiência, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2012), demonstram que 23,9% da população do país possui, ao menos, um tipo de deficiência, seja física ou intelectual. Esse percentual representa mais de 45 milhões de pessoas, ou seja, aproximadamente uma em cada quatro residentes no país. Devido à amplitude da noção de deficiência, optou-se por restringir o campo desta investigação, de modo a se alcançar resultados palpáveis e mais profundos. Com isso, a síndrome de *Down* (SD) foi a escolhida, pois passou a ocupar espaço na mídia, em especial na televisão e no cinema, suscitando diversas discussões acerca do assunto.

Este estudo buscou responder à seguinte questão-problema: "como o sujeito com síndrome de *Down* é construído no filme 'Colegas', lançado em 2013?". "Colegas" é uma comédia protagonizada por três jovens com SD: Stalone, vivido por Ariel Goldenberg, Aninha, interpretada por Rita Pook, e Márcio, por Breno Viola. Esses jovens viviam juntos em um instituto para pessoas com SD e, certo dia, decidiram fugir no Karmann-Ghia vermelho do jardineiro, o Senhor Arlindo, interpretado por Lima Duarte, em busca de seus sonhos: Stalone queria conhecer o mar, Márcio desejava voar e Aninha procurava um marido para se casar. O filme se inicia com a narração do Senhor Arlindo, *que conta como Stalone, Aninha e Márcio* foram viver no instituto. Stalone, o líder da equipe (porque sabia dirigir), é cinéfilo e teve a ideia de roubar o carro do jardineiro.

Nessa aventura, Stalone também levou seus melhores amigos, Aninha e Márcio. Logo no início da

viagem, que se iniciou no interior do estado de São Paulo, no Brasil, e seguiu até Buenos Aires, na Argentina, eles avistaram um circo e decidiram parar. No local, fantasiaram-se e definiram a ordem com que os sonhos de cada um seriam realizados, sendo primeiro o de Stalone, segundo o de Aninha e terceiro o de Márcio. Em "Colegas", os protagonistas estão na mira de policiais atrapalhados e da imprensa, mas conseguem se safar e se tornam assaltantes de postos de gasolina, lanchonetes, entre outros locais, utilizando armas de brinquedo, enquanto seguem realizando, um a um, os seus desejos.

A escolha do referido produto audiovisual pautou-se em diversos critérios. Primeiramente, por ser uma produção nacional, já que se almejava estudar o processo de inclusão no Brasil. Em segundo lugar, o assunto minorias, ainda que tenha adquirido novos espaços no cinema, apresenta um número limitado de produções, restringindo o rol de possibilidades. Por último, a escolha fundamentou-se na expressiva repercussão de "Colegas" junto ao público, inclusive foi apresentado na ONU como referência em inclusão social e ganhou diversos prêmios nacionais e internacionais.

Sob o aspecto teórico, recorreu-se aos estudos de Foucault (2015) acerca da noção de dispositivo, que é a rede que se constitui entre elementos heterogêneos categorizados como "ditos" (discursos, leis, regulamentos, medidas administrativas e enunciados científicos) e "não ditos" (organizações arquitetônicas, instituições e proposições filosóficas, morais e filantrópicas). Ao rol dos "não ditos" também se incluem os discursos silenciados, em razão de outros que foram externalizados e disseminados. Como método de pesquisa, optou-se pela qualitativa. Para a seleção e extração dos dados, foram realizados estudos no filme escolhi-

do e, complementarmente, analisou-se uma entrevista com o roteirista, produtor e diretor, Marcelo Galvão, e com os três protagonistas. Na sequência, "Colegas" foi analisado a partir do dispositivo de inclusão social que circunda o espaço de produção da trama.

Para a escrutinação dos dados, utilizou-se a análise do discurso fílmico, um híbrido entre a análise do discurso, que pode ser compreendida com base nos estudos foucaultianos sobre os "ditos" e os "não ditos" presentes na noção de dispositivo, e a análise fílmica, empregada por Vanoye e Goliot-Lété (2006), que propõe a desconstrução das sequências de "Colegas" e sua posterior reconstrução, ou seja, interpretação dos dados, que, nesta análise, contou com elementos do filme e de seu espaço de produção. A análise dos dados pautou-se em cinco categorias: sujeito afetivo, sujeito desejante, sujeito independente, sujeito lúdico e sujeito transgressor.

2. Noção de dispositivo

Para se compreender o conceito de dispositivo empregado nos estudos foucaultianos, faz-se necessário, primeiramente, vislumbrar os seus ensinamentos sob uma perspectiva mais abrangente, que incluem as fases arqueológica e genealógica de sua investigação. Nesse sentido, pensar o dispositivo implica, inicialmente, conceber a arqueologia como procedimento, que é uma forma de interrogar, de indagar o porquê dos enunciados selecionados e não outros em seu lugar. Foucault (2008) delineia a arqueologia como a arte de cavar e esse modo de concernir como os elementos se constituem é que constrói os sujeitos, ou seja, o procedimento possibilita entender como o fazer edifica o ser, que não está pronto e se compõe nesse fazer.

Foucault (2008) não pensa a história com começo, meio e fim, mas ele cava a história para saber como a camada de cima se cristalizou. Na fase genealógica de seus estudos, faz-se outro exercício, que não é o da gênese, mas o de estabelecer um recorte temporal de quando um enunciado se instalou. O foco reside na compreensão de como determinados saberes foram incorporados pela sociedade e não outros, uma vez que são esses saberes circulantes que constroem os sujeitos. A noção de dispositivo trouxe o elemento do poder para os estudos foucaultianos, mas a fase arqueológica e a genealógica de seus estudos estão imbricadas, pois uma não substitui a outra, ao contrário, somam-se, agregam valor.

Nesta investigação, as raízes para se compreender o dispositivo de inclusão das pessoas com síndrome de *Down* partiram da DUDH, que progressivamente disseminou seus pressupostos para a sociedade global e, por consequência, para a brasileira, culminando, em conjunto com outros enunciados relevantes que emergiram neste lapso temporal, na Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, de 2006, que é considerada o grande marco das conquistas empreendidas por esses sujeitos. Nesse sentido, o conceito de dispositivo torna-se central neste estudo, pois o discurso, na visão foucaultiana, deve ser compreendido a partir dele. Assim, dispositivo é:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O disposi-

tivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2015, p. 364).

Deleuze (1996) assegura que Foucault, ao conceber a noção de dispositivo, considerava que ainda que existam linhas de sedimentação, também há linhas flexíveis, que em determinados momentos se aproximam, em outros se afastam, ocasionando fissuras, fraturas. Essa dinâmica reconfigura os saberes, os poderes, as subjetividades, os sujeitos, os discursos e as verdades. Ao mapear o dispositivo nota-se, em sua formação, curvas de visibilidade e de enunciação e linhas de força e de subjetivação. Com isso, buscou-se identificar, nesta pesquisa, a existência das dimensões do saber-poder-subjetividade estruturadas na compreensão dos objetos visíveis, dos enunciados formuláveis, das forças em exercício e dos sujeitos.

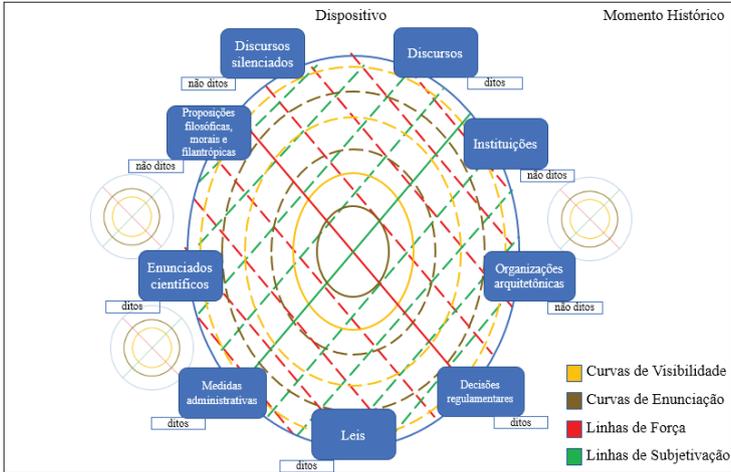


Figura 1 - Recorte simplificado do dispositivo de Foucault (2015) e de Deleuze (1996)

Fonte: elaborada pela autora (VERONEZI, 2018) com base no dispositivo de Foucault (2015) e de Deleuze (1996).

A visibilidade abarca a dimensão dos “não ditos” e cada dispositivo tem um regime de luz específico que define o que é visível ou invisível e, portanto, são denominadas de “máquinas de fazer ver”. As curvas de enunciação compõem a dimensão dos “ditos”, dos enunciados, são as “máquinas de fazer falar”. As linhas de força (poder-saber) estão em exercício no dispositivo e seus movimentos atravessam as curvas de enunciação e de visibilidade e tangenciam as coisas e as palavras, constituindo a dimensão do poder articulado com o saber. Já as linhas de subjetivação estão em processo de construção no dispositivo e consistem em um sistema de individuação relacionado aos grupos ou às pessoas que escapam às forças estabelecidas e aos saberes constituídos (DELEUZE, 1996).

3. Procedimentos metodológicos

As escolhas metodológicas deste estudo resultaram de um processo de reflexão que procurou entender quais as abordagens, métodos e técnicas se apresentavam como mais propícios para a análise do objeto, o filme “Colegas”, a partir da noção de dispositivo de Foucault (2015), ou seja, com a análise de “Colegas” buscou-se compreender as urgências de um momento histórico que tem a inclusão das pessoas com SD como dispositivo, já que o filme é produto discursivo de um dado contexto sócio-histórico e ainda que não possua um compromisso com a realidade, carrega, em seu discurso, as raízes desse dado momento.

“Colegas”, entre outros fatores, foi escolhido como objeto de pesquisa por se caracterizar como enunciação discursiva do dispositivo de inclusão so-

cial. Assim, os dados para análise foram extraídos com base em estudos de conteúdos audiovisuais, pois, além de cenas do filme, complementarmente, foi selecionada a entrevista com Marcelo Galvão e com Ariel Goldenberg, Rita Pokk e Breno Viola para o Programa “De frente com Gabi”, do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), conduzido por Marília Gabriela. Posteriormente, “Colegas” foi analisado a partir do dispositivo de inclusão social que perpassa o espaço de produção da trama.

De modo a responder ao problema de pesquisa, foram utilizados dois métodos de análise: o fílmico e o do discurso, que, em conjunto, constituem a análise do discurso fílmico. Com esse híbrido, tornou-se possível desconstruir as cenas, a partir dos conceitos da análise fílmica, decompondo-as em textos, imagens e planos. Após a desconstrução, procedeu-se à reconstrução, na qual se utilizou a análise do discurso para a leitura das cenas do filme, para a interpretação da entrevista e para a compreensão dos elementos que compõem o dispositivo de inclusão social. Nessa última, principalmente, a análise do discurso enriqueceu a escrutinação dos dados, extrapolando o universo diegético¹ de “Colegas”.

4. RESULTADOS DA PESQUISA

Com o intuito de sistematizar o escrutínio dos dados, as sequências extraídas de “Colegas” foram organizadas em cinco categorias de análise: sujeito afetivo, sujeito desejante, sujeito lúdico, sujeito inde-

¹ Refere-se à dimensão ficcional de uma narrativa, uma realidade presente no texto que se diferencia da realidade em que os espectadores estão inseridos (SANTOS et al., 2016).

pendente e sujeito transgressor. Para tanto, alguns planos foram trazidos para exemplificar essas categorias, que estão presentes não apenas nas sequências selecionadas, mas perpassam o filme, de modo geral. Posteriormente, ao traçar um paralelo entre o “campo” e o “fora de campo”, a categorização dos planos contribuíram para a amplificação da interpretação, com a junção de elementos externos.

Quadro 1 - Planos que exemplificam o sujeito afetivo



1



2



3



4



5



6

Fonte: elaborado pela autora (VERONEZI, 2018) com base no filme “Colegas”.

O sujeito afetivo em “Colegas”, conforme se observa nos planos selecionados, apresenta-se, por exemplo, na interação de Stalone com o cachorro em frente ao circo (1). No momento em que ocorreu o encontro, o jovem estava decepcionado com Aninha e Márcio que, com a ajuda dele, conseguiram transpor a cerca que os separava do circo, mas, devido à empolgação dos dois, não se preocuparam em ajudar o amigo. O cachorro fez com que a chateação momentânea de Stalone passasse e a afetividade da relação homem-animal florescesse.

Quando, enfim, Stalone conseguiu entrar no circo, ele encontrou uma caixa repleta de fantasias e chamou Aninha e Márcio para mostrar a novidade. Os três escolheram as fantasias com as quais mais se identificaram. Stalone, ao ver a princesa Aninha, rendeu-se aos encantos dela (2). Esse plano, bem como os demais que compõem essa categoria, traz o afeto permeado na infantilização, na valorização dos pequenos detalhes, na amizade.

Aninha, Márcio e Stalone criaram laços de afeto, desde os primeiros minutos do filme, sacramentados pela expressão “um por todos e todos por um” (3). Esses laços foram demonstrados, mais uma vez, no plano em que Márcio é ferido pelo tiro disparado por um policial brasileiro em um restaurante francês em Buenos Aires, na Argentina (4), já que os três transgressores estavam sendo procurados pela polícia. Após esse momento, Márcio imergiu em um processo de digressão, resgatando imagens das aventuras que viveu com Aninha e Stalone durante a viagem.

Uma delas se refere ao momento em que o sonho de Stalone de conhecer o mar se concretizou e, em um gesto de afeto, os três se abraçaram e se deitaram

em frente às águas oceânicas (5). No último plano apresentado nesta categoria (6), Aninha, Márcio e Stalone aparecem, novamente, abraçados em uma festa e demonstram grande felicidade com o momento que estão experimentando. O afeto entre os três é celebrado por meio da parceria que permeou o filme “Colegas” e que, para efeito de análise, foi representado pelos planos acima selecionados, devido à correlação entre eles e a mencionada categoria.

Quadro 2 - Planos que exemplificam o sujeito desejante



7



8



9



10



11



12

Fonte: elaborado pela autora (VERONEZI, 2018) com base no filme “Colegas”.

Nessa categoria, todos os planos foram selecionados a partir da digressão de Márcio, já que os momentos marcantes da trama se encontram concentrados em uma sequência específica. Aninha, Márcio e Stalone também são apresentados em “Colegas” como sujeitos desejantes e a busca pela realização dos sonhos de cada um deles já é um dos elementos que representa essa categoria. Stalone, como já mencionado, almejava conhecer o mar (7), Márcio desejava voar (8) e Aninha gostaria de se casar (9). Na trama, os três realizaram os desejos deles, graças à parceria que estabeleceram.

Após Stalone conhecer o mar, chegou o momento de Aninha procurar um marido para se casar. Para ela, o príncipe encantado estaria personificado em um cantor famoso. No entanto, Stalone desejava Aninha como esposa e, em dado momento do filme (9), casou-se com ela e trocaram beijos e carícias. A partir dessa análise, observou-se que a trama também apresentou os seus protagonistas como sujeitos com desejos de estabelecerem relacionamentos amorosos.

Márcio também se apresentou como sujeito desejante de relacionamentos sentimentais. Além de protagonizar uma cena de beijo (11), também dançou tango, na Argentina, com outra moça (12). Vale observar que a dança, por si só, já é um poderoso instrumento de sedução entre os casais e o tango, por natureza, é um ritmo de grande sensualidade. Os três protagonistas também expressaram o desejo de aproveitar os bons momentos da vida (10) como, por exemplo, na festa em que foram após o casamento de Aninha e Stalone.

Quadro 3 - Planos que exemplificam o sujeito independente



13



14



15



16



17



18

Fonte: elaborado pela autora (VERONEZI, 2018)
com base no filme "Colegas".

O sujeito independente, mais uma categoria observada em "Colegas", remete à experiência de Aninha, Márcio e Stalone fora dos muros do instituto em que viviam para pessoas com SD. Como já mencionado, os três jovens seguiram sozinhos em busca da realização dos sonhos deles. Stalone, que sabia dirigir, conduziu o carro do Senhor Arlindo - o jardineiro do instituto - acompanhado de Aninha e Márcio (15 e 16).

Stalone, ao entrar no circo, abriu os braços e demonstrou o quanto a independência e a liberdade são gratificantes (13). Essa sensação de liberdade já era um sonho para eles, devido ao ineditismo de tal experiência. Nesse sentido, vale destacar também que Aninha e Stalone se casaram, ainda que apenas em simbologia, mas que a decisão da união é fruto da atitude independente de ambos, sem necessitarem da opinião e/ou aprovação de terceiros. A satisfação com o matrimônio é brindada por Stalone em um restaurante francês, em Buenos Aires, na Argentina (14), reforçando, mais uma vez, a categoria em análise.

Exemplos de independência de Aninha, Márcio e Stalone não faltaram na trama e também puderam ser vislumbrados no momento em que os três correram sobre as águas do mar, sozinhos, rodeados pelo vento e pela imensidão que demonstram a liberdade conquistada (17), pois se trata de um ambiente em que a iminência de perigo está implícita. Ainda, como exemplo, citou-se a aventura experimentada por eles em um barco com um pescador, no qual realizaram a primeira pescaria da vida deles (18). Com isso, é possível notar a independência que permeou esses sujeitos no filme, já que, na maior parte dos planos, os três apareceram sozinhos em aventuras inéditas e “perigosas” para eles.

“Colegas” é uma comédia e, como tal, a ludicidade perpassou toda a trama. Na maior parte das sequências do filme, Aninha, Márcio e Stalone estavam fantasiados. Como já salientado, ao entrarem no circo e se depararem com uma caixa que continha inúmeras fantasias, os jovens escolheram-nas de acordo com suas preferências. Aninha, mais romântica, escolheu a fantasia de princesa, que coaduna com o sonho de se casar, de encontrar o príncipe encantado (19 e 20).

Quadro 4 - Planos que exemplificam o sujeito lúdico



19



20



21



22



23



24

Fonte: elaborado pela autora (VERONEZI, 2018)
com base no filme "Colegas".

Já Stalone preferiu a fantasia de Aladim: o gênio da lâmpada² (19 e 21). Em analogia ao personagem representado, Stalone também fez o seu pedido, no entanto, solicitou que os outros dois desejos a serem realizados

² Na história de Aladim, o gênio que habita a lâmpada se manifesta após um gesto acidental de esfregá-la e concede a Aladim a realização de seus pedidos, que são todos consumados.

fossem os de Aninha e de Márcio que, assim como ele, também disseram qual sonho cada um almejava concretizar. Em relação às fantasias escolhidas, Márcio optou por uma capa e um capacete, que remete à possibilidade de voar, de desafiar os limites em alta velocidade, de se desprender do chão (20).

É importante salientar que o próprio circo já conta com a ludicidade em sua essência e o picadeiro é o coração desse ambiente. É nesse espaço que os três jovens dormiram antes de seguirem em busca da concretização dos sonhos deles (22). O sujeito lúdico também se fez presente no plano que apresentou Aninha vestindo a máscara que utilizou para tentar assaltar o restaurante francês, na Argentina (23), e ainda no que mostrou Márcio com uma máscara sob a cabeça e vestindo a capa que escolheu entre as fantasias do circo (24).

Quadro 5 - Planos que exemplificam o sujeito transgressor



25



26



27



28



29



30

Fonte: elaborado pela autora (VERONEZI, 2018)
com base no filme "Colegas".

No filme "Colesgas", Aninha, Márcio e Stalone, após deixarem o instituto para pessoas com SD, tornaram-se contraventores, com o intuito de transformarem a almejada viagem em realidade. Como as categorias não são estaques, a transgressividade está permeada, por exemplo, pela ludicidade na prática dos delitos, mas, de todo modo, a infração das regras é inerente à conduta. Em um primeiro momento, eles roubaram o carro do Senhor Arlindo (25). Posteriormente, os três jovens entraram em um circo, localizado na estrada, encontraram uma caixa repleta de fantasias e utilizaram-nas, mesmo não pertencendo a eles (26).

No restaurante francês em Buenos Aires, Márcio e Stalone, mais uma vez, transgrediram as regras sociais, ao subirem em uma cadeira, sendo Stalone para comemorar o casamento dele com Aninha e Márcio para anunciar que iria realizar o desejo de voar. O funcionário do restaurante, incomodado com a situação, pediu para que eles descessem das cadeiras. No entanto, em alto tom de voz, eles disseram não ao pedido, incisivamente (27). Na sequência, Aninha sacou uma arma com a intenção de cometer um assalto no restaurante e assustar as pessoas que se encontravam no local (28). Entretanto, a arma utilizada era de brinquedo.

Quando os policiais que estavam na área externa do restaurante perceberam o perigo iminen-

te, entraram armados e dispararam contra Márcio (29). Após ser atingido pela bala, o jovem começou a delirar e a se recordar de tudo que havia vivido com Aninha e Stalone durante a aventura. Nessa digressão, Márcio se lembrou do momento em que, mascarado, sacou uma arma de brinquedo, em uma loja de conveniência, no intuito de deixar o local sem pagar a conta (30).

Reconstruídos os planos do filme "Colegas" a partir das cinco categorias de análise elencadas, passa-se para um segundo ponto da interpretação dos dados: o início da transição entre o campo discursivo fílmico e o espaço de produção. No entanto, para tornar essa travessia mais amena, foi utilizada a entrevista de Galvão e dos três protagonistas para o Programa "De frente com Gabi", do SBT. Nessa entrevista, observou-se que essas categorias, em maior ou menor grau, foram explicitadas, o que demonstra a conexão da trama com o cotidiano desses jovens, bem como com o dia a dia dos demais sujeitos sociais, nos quais também se encontram a afetividade, o desejo, a ludicidade, a independência e a transgressividade como práticas.

A seguir, serão apresentadas algumas partes da referida entrevista, separando-as, de maneira exemplificativa, nas cinco categorias de análise. De todo modo, vale salientar que o fato de determinado trecho ter sido incluído em uma categoria não significa que ele também não sirva de exemplo para outra. Objetivamente, o intuito dessa segmentação é apenas demonstrar na prática aquilo que se apresentou em teoria, ou seja, que as pessoas com SD, não apenas no filme, mas também em seu cotidiano, são sujeitos sociais como os demais membros da sociedade, o que torna a inclusão uma premissa.

Quadro 6 - Sujeito Afetivo

| |
|--|
| Ariel Goldenberg: [...] Ele [Marcelo Galvão] me acolheu, como é que fala, ele é um superpaizão nosso, né? |
| Ariel Goldenberg: [...] quando eu fui pegar o Kikito, eu fiquei muito emocionado. |
| Ariel Goldenberg: Eu queria dedicar o Kikito a ele [Marcelo Galvão]. |
| Rita Pokk: [...] eu estou muito feliz por ter recebido o prêmio Kikito, que teve o melhor de Júri. Foi muito bom, muito emocionante, chorei, chorei, chorei... |
| Marília Gabriela: Quem são os seus ídolos? Breno Viola: Meu irmão, Flávio Canto, Marcelo Galvão e minha mãe, porque, se não fosse ela, eu não estaria aqui no mundo [risos] [suspiro profundo]. |
| Breno Viola: Quando o Marcelo ligou dizendo: Breno, você vai fazer o filme. Meu Deus do céu, meu coração disparou... Mãe, vou fazer um filme. Eu não acredito até hoje [Breno se emociona]. |
| Breno Viola: [...] O Marcelo é como um pai, um pai para todos, né? |

Fonte: elaborado pela autora (VERONEZI, 2018)
com base no Programa "De frente com Gabi".

Quadro 7 - Sujeito Desejante

| |
|---|
| Marcelo Galvão: [...] O Ariel sempre correu muito atrás dos sonhos dele, né? [...] Um dia ele [Ariel Goldenberg] falou para mim assim: eu queria muito que o Sean Penn... [visse à estreia de "Colegas"]. Eu sempre soube que ele gostava muito do Sean Penn, que ele fala que foi o " <i>I am Sam</i> " ["Uma lição de amor"] que fez com que ele virasse ator de cinema e ele falou assim: queria muito que ele assistisse o meu filme. Eu achei que fosse comentário dele, mas que não fosse mais do que isso, né? Aí eu fiquei sabendo que eles [Ariel Goldenberg e Rita Pokk] compraram passagem para tentar viajar, mas ele teve um problema, porque o visto não ia ficar pronto e ele me falou. E aí, quando eu contei para as pessoas, as pessoas falaram: incrível, esse garoto corre atrás. E aí, eu e uns amigos, a gente resolveu fazer um vídeo que contasse essa história, que contasse quem é o Ariel. Porque a nossa pretensão não era que o vídeo bombasse, como ele bombou, mas era que chegasse até o Sean Penn. Não ia ser difícil, a gente achava, mas em três dias, depois que a gente fez o vídeo, a gente teve mais de 1 milhão de views, foi o vídeo mais..., o sexto vídeo mais compartilhado do mundo. Então, assim, em cima de um sonho dele a gente criou um vídeo com a intenção de chamar a atenção do ator, mas que, de repente, acabou promovendo o filme. |
|---|

Rita Pokk: [...] De vez em quando, o Ariel tem um pouco de ciúmes de mim, quando, assim, eu me aproximo do Theo Werneck nas cenas ou do Felipe Caczan, porque eu achei o Felipe Caczan muito bonito, né? Aí, o Ariel começou a estranhar um pouco. Ariel, é só um filme, é só filme.

Marília Gabriela: [...] eu andei lendo que, em contraponto à campanha do Ariel para que viesse o Sean Penn, você falou: por mim não, eu quero que venha mesmo é a Juliana Paes. É isso?

Breno Viola: Claro, né? [risos]. Entre um homem e uma mulher, eu prefiro uma mulher, né?

Marília Gabriela: E você fez um movimento que é o quê?

Breno Viola: Para ver a Juliana Paes.

Marília Gabriela: [risos] não é bem assim. O título é "Vem em mim Juliana Paes", foi?

Breno Viola: "Vem Juliana Paes".

Marília Gabriela: Ahhh, "Vem Juliana Paes". Ahhh, então eu já vi uma adaptação, porque eu vi escrito em algum lugar o: "Vem em mim Juliana Paes".

Marcelo Galvão: Eu ouvi também, mas... [risos].

Breno Viola - [...] eu tenho um sonho de um dia estar representando o Brasil, estar disputando as paralimpíadas. Porque nunca, desde 2012... 2002 que as pessoas com síndrome de Down nunca participam das paralimpíadas. Eu tenho esse objetivo de ter uma chance de disputar.

Fonte: elaborado pela autora (VERONEZI, 2018) com base no Programa "De frente com Gabi".

Quadro 8 - Sujeito Independente

Ariel Goldenberg: [...] Além de atuar, além de ator, eu sou o marketing dele [Marcelo Galvão]. Então, eu consegui captar 500 mil para o filme.

Marília Gabriela: Quando você não está fazendo isso [concedendo entrevistas], você está usando o seu tempo para?

Ariel Goldenberg: Para Marketing dele [Marcelo Galvão]. Eu o ajudo na divulgação. Qualquer coisa que ele queira fazer, assim, ele me fala, né Marcelo?

Marília Gabriela: Você é o primeiro downiano que... Você é o primeiro faixa preta...

Breno Viola: ...das Américas...

Marília Gabriela: Das Américas, é isso? Que é um tremendo título! Você treina diariamente?

Breno Viola: Treino todo dia.

Marília Gabriela: Você gosta disso? Precisa disso para viver, hoje, o judô?
Breno Viola: Não só o judô, como outras coisas que eu faço.
Marília Gabriela: Por exemplo?
Breno Viola: Eu trabalho num site de internet sobre a síndrome de Down.
Marília Gabriela: Aliás, você vai, no dia 21 de março, que é o Dia Internacional...
Marcelo Galvão: ...da Síndrome de Down.
Marília Gabriela: ...da Síndrome de Down. Você vai à ONU, é isso?
Breno Viola: Vou.
Marília Gabriela: O que você vai fazer lá?
Breno Viola: Eu tenho um texto, que eu estou estudando, que eu vou falar lá na ONU e estamos tentando levar também ou o *trailer* ou o filme para mostrar lá na ONU.

Fonte: elaborado pela autora (VERONEZI, 2018)
com base no Programa "De frente com Gabi".

Quadro 9 - Sujeito Lúdico

Marília Gabriela: Você é um galinha?
Breno Viola: Galinha não. Galinha é a esposa do galo. Eu sou um galanteador [risos].

Marília Gabriela: E eles se emocionaram muitíssimo, eu me lembro das imagens da época. Eles são muito emotivos, não é? Para a alegria ou para a tristeza. Você teve dificuldade, por isso mesmo, de dirigi-los com mais rigidez aqui ou ali ou não?
Marcelo Galvão: Não. Isso até me ajudou, porque é mais fácil... Eles têm uma facilidade de entrar no personagem que é... Se você fala para o Ariel que ele é um gênio, em 10 segundos, ele vira o gênio. Ele tem o lúdico muito presente e às vezes um ator, você precisa, né? De Stanislavski, de técnicas para ele poder criar isso, coisa que para eles já é mais natural.

Fonte: elaborado pela autora (VERONEZI, 2018)
com base no Programa "De frente com Gabi".

Quadro 10 - Sujeito Transgressor

Marília Gabriela: Você sofreu de preconceito? *Bullying*. Fizeram com você? Eu li em algum lugar sua mãe dizendo que o judô te ajudou a sobreviver ao *bullying*. É isso?
Breno Viola: Sim. Tinha um rapaz, que ele é alto, acho que são 2 metros de altura, começamos a fazer certas brincadeiras, amarrar aqui [os braços] e os meus pés...
Marília Gabriela: Na escola?
Breno Viola: Não, no judô.
Marília Gabriela: No judô?
Breno Viola: Ele acha que isso é coisa de homem. É brincadeira de atleta. Aí eu falei para ele: então, aperta mais.
Marília Gabriela: Você falava isso?
Breno Viola: Daí eu pá, soltei fora [a corda].

Fonte: elaborado pela autora (VERONEZI, 2018) com base no Programa "De frente com Gabi".

Ao realizar uma análise conjunta dos planos selecionados em “Colegas” e do “fora de campo” mais próximo da trama, no caso, a entrevista com Marcelo Galvão e com os três protagonistas, notou-se uma forte conexão entre as categorias observáveis na ficção e as capturadas na entrevista. É evidente que o filme não carrega a obrigação de representação do real e não é esse o enfoque que se buscou com essa análise, mas sim de mostrar que dentro ou fora da trama, com mais ou menos intensidade, os sujeitos com SD não são iguais entre si, como as demais pessoas que compõem a sociedade defendiam, pois a semelhança cromossômica não os padroniza enquanto sujeitos.

A diversidade, em todas as suas formas de expressão, é o que enriquece a sociedade e essa riqueza se encontra presente em todo o agrupamento social e não apenas entre os ditos “normais”. Como já mencionado anteriormente, as categorias de análise contribuíram para deixar evidente que os sujeitos com *Down* são diferentes entre si e podem ser afetivos, desejantes, independentes, lúdicos ou transgressores como qualquer outra pessoa. Podem ser mais emotivos, como Galvão (2013) arrisca dizer quando se referiu à incorporação de personagens, mas, em geral, é a diversidade que caracteriza esses sujeitos, bem como a sociedade.

Equiparando as pessoas com SD, na trama e fora dela, e as pessoas sem a síndrome, o sonho da Aninha no filme, por exemplo, é se casar, Rita Pokk, na época, era casada com Ariel Goldenberg na vida real e considerava o casamento maravilhoso. A reflexão que se faz é que muitas mulheres desejam o mesmo que Aninha ou Rita em relação ao casamento, ou-

tras não. Do mesmo modo, assim como ocorre com diversos casais, atualmente, Ariel Goldenberg e Rita Pokk se separaram. Seguindo a mesma linha de raciocínio, é possível comparar os personagens de Stalone e Márcio, bem como os atores Ariel Goldenberg e Breno Viola. Ariel era casado com Rita, sempre estavam juntos e eram muito parceiros. Já Breno preferia aproveitar a vida de solteiro, sem a responsabilidade do casamento. Atualmente, Breno é noivo.

Entre os sujeitos sem SD encontramos perfis mais semelhantes ao do personagem Stalone e do ator Ariel, bem como outros parecidos com o do personagem Márcio e do ator Breno. Além disso, também se nota que os papéis se invertem, ou seja, quem era casado pode separar, quem não pensava em se casar, agora, é noivo. Isso ocorre também com os demais sujeitos sociais. Na sequência, a interpretação dos dados se dará no sentido de se compreender "Colegas" como enunciação discursiva do dispositivo de inclusão social, segundo a noção empregada por Foucault (2015) e Deleuze (1996).

Amplificando a interpretação dos dados para além da diegese do filme e de sua conexão com a realidade aparente, notou-se que a DUDH, embora tenha sido concebida em um período longínquo, 1948, teve grande influência em conquistas posteriores pela igualdade de direitos das pessoas com deficiência. Paulatinamente, os movimentos em prol das pessoas com deficiência se fortaleceram e, na década de 1980, como afirma Sassaki (2010), exerceram grande influência sobre o texto da Constituição Federal, de 1988, conhecida como cidadã. No entanto, os estudos, que circundaram esta pesquisa, demonstraram que o ponto culminante da conquista de direitos dos

sujeitos com deficiência é a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, de 2006, promulgada no Brasil, em 2009, como emenda constitucional.

Antes dessa Convenção, havia discursos esparsos em relação à inclusão, mas, após a sua realização e, no caso do Brasil, principalmente após a sua incorporação ao ordenamento jurídico é que o discurso da inclusão passou a ser mais coeso e fortalecido, embora ainda incipiente. Com isso, as normas sociais pré-concebidas e embasadas na exclusão, no preconceito e na discriminação, pouco a pouco, estão dando lugar à inclusão social. Porém, como já salientado, trata-se de uma transformação em estágio inicial. Sem perder de vista que o foco desta pesquisa se refere a um tipo específico de deficiência: a SD; é importante destacar, mais uma vez, que o arcabouço legal que circunda a conquista de direitos não é específico para as pessoas com *Down*, mas sim com deficiência, em sentido amplo.

No rol dos “ditos” do dispositivo de Foucault (2015), a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo é trazida como um dos elementos de destaque, assim como o Estatuto da Pessoa com Deficiência, pois compõem o arcabouço legal do ordenamento jurídico brasileiro, entre outras normas. Destaca-se que “o propósito da presente Convenção é promover, proteger e assegurar o exercício pleno e equitativo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente” (BRASIL, 2009, p. 3).

Como os elementos do dispositivo estão imbricados e um influi decisivamente no outro, é plausível afirmar que essa Convenção teve grande influência sobre os demais elementos, ao passo que, como as pessoas com deficiência sempre integraram uma minoria silenciada, o arcabouço legal influenciou na constituição de práticas discursivas (novas leis, discursos, regulamentos, medidas administrativas e enunciados científicos) e não discursivas (organizações arquitetônicas, instituições e proposições filosóficas, morais e filantrópicas) que antes não tinham lugar na sociedade ou ocupavam um espaço periférico.

Os “não ditos”, como mencionado anteriormente, também são abarcados pelos discursos silenciados, ou seja, aqueles que deixaram de ser proferidos, pelo menos na acepção do “politicamente correto”. Como exemplo, apresenta-se o discurso médico, que vislumbra a deficiência como um problema do portador, em contraponto ao modelo social, consolidado pela Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, no qual o problema, em relação à deficiência, encontra-se nos obstáculos impostos pela sociedade para a inclusão.

Trazidos alguns exemplos de “ditos” e “não ditos” que compõem o dispositivo de inclusão social, parte-se para elucidação das curvas de visibilidade e de enunciação e das linhas de força e de subjetivação, operacionalizadas por Deleuze (1996) e presentes no dispositivo em análise. As curvas de visibilidade, que são as “máquinas de fazer ver”, não surgiram na sociedade de modo repentino, ao contrário, viabilizaram-se no bojo do sistema social influenciadas pelas noções de igualdade, trazidas pela DUDH, e pelas lutas em defesa dos sujeitos com deficiência, que cul-

minaram na já mencionada Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo.

Pode-se dizer que, a partir dessa Convenção, as “máquinas de fazer ver” se tornaram muito mais visíveis. Em paralelo às curvas de visibilidade, fortaleceram-se as curvas de enunciação, que são as “máquinas de fazer falar”. Os elementos que tornaram visíveis as conquistas empreendidas pelas pessoas com deficiência, em especial as com SD, também deram voz a esses sujeitos, que passaram a defender os seus direitos com eloquência, em comparação a períodos anteriores, em que eram escondidos e nem podiam ser vistos e nem expressar suas ideias. Todos esses elementos do dispositivo de inclusão social emergem na sociedade porque as linhas de força, conforme explica Deleuze (1996), buscam tensionar os preconceitos, estereótipos e estigmas que, por muito tempo, excluíam as pessoas com SD do convívio social.

A inclusão demanda uma mudança cultural profunda, investimentos, reestruturação na saúde pública, no âmbito educacional, no mercado de trabalho, nos discursos, entre outros. É importante salientar que a SD, como deficiência intelectual, coloca em xeque ainda mais a estabilidade dos sistemas sociais, pois expõe o despreparo das instituições em lidar não apenas com esses sujeitos, mas com a sociedade como um todo. Contudo, aos poucos, as mudanças se fazem presentes, mas de maneira gradual. Observou-se, adicionalmente, as linhas de subjetividade presentes no dispositivo em análise, pois os três protagonistas têm preferências e habilidades que os definem e os distinguem na trama. Na vida real, assim como no universo diegético de “Colegas”, os três também possuem características que os diferenciam.

Como defende Fischer (2002), os processos de subjetivação se vinculam à época e ao tipo de formação social do momento histórico em que foram concebidos, construindo sujeitos que não estão prontos, ao contrário, que estão sempre por se fazer. Assim sendo, as interações sociais exercem influência decisiva sobre a constituição desses sujeitos e, nessa perspectiva, a padronização do *Down* é impropriedade, assim como a das demais pessoas que compõem a sociedade. Posto isso, pode-se notar que a questão-problema que instigou essa investigação científica foi respondida: “como o sujeito com síndrome de *Down* é construído no filme ‘Colegas’, lançado em 2013?”. O sujeito com SD é construído em “Colegas” com base no momento histórico em que foi produzido, que tem como premissa o dispositivo de inclusão social.

5. Considerações finais

Em uma sociedade fortemente permeada por preconceitos, estigmas e estereótipos, fraturas e fissuras podem ser notadas, na contemporaneidade, ao passo que práticas discursivas e não discursivas, antes silenciadas, neste momento, ao menos passaram a compor a pauta das discussões públicas. Entre as mudanças que têm ganhado visibilidade e enunciabilidade, encontra-se a defesa dos direitos das pessoas com deficiência, que nesta investigação científica teve como foco, em especial, os sujeitos com SD. Nesse trabalho, buscou-se compreender o dispositivo de inclusão social a partir da análise do filme “Colegas”, que foi concebido como enunciação discursiva do dispositivo em análise, bem como de seu espaço de produção.

Ao aprofundar os conhecimentos acerca da deficiência, na qual se inclui a SD, notou-se a influência da DUDH sobre a constituição da Convenção Interna-

cional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, considerada um marco em defesa da causa, que agregou ações esparsas, ressignificou-as e fez emergir diversas outras, fortalecendo e norteando o movimento em prol da inclusão social. Em suma, o que se almeja com essa Convenção é que as pessoas com deficiência sejam, em essência, tratadas como sujeitos singulares e protagonistas de suas vidas.

Com o olhar para o dispositivo de inclusão social a partir de “Colegas” e de seu espaço de produção, pôde-se observar que categorias de sujeitos encontradas na trama (afetivo, desejante, independente, lúdico e transgressor) também foram observadas nas entrevistas com os três protagonistas, ao falar de seu cotidiano, e fazem parte do dia a dia das demais pessoas que compõem a sociedade. Desse modo, o sujeito com síndrome de *Down* é construído no filme «Colegas» como qualquer sujeito social, ao passo que são afetivos, desejantes, independentes, lúdicos, transgressores, entre diversas outras possibilidades, sustentando a inclusão social como premissa.

Sabe-se que, na prática, as pessoas com *Down* ainda são vítimas de preconceitos e discriminações, que as escolas não estão adequadas para recebê-las, que as pesquisas na área de saúde não contam com investimentos para esses sujeitos, que os locais de trabalho estão aquém de suas necessidades de desenvolvimento, entre outros problemas enfrentados no dia a dia. Plenamente conscientes da realidade, ainda assim, considera-se um saldo positivo em relação às conquistas empreendidas ao longo da história e “Colegas” é uma prova disso. Nesse contexto, é imprescindível que a sociedade, cada vez mais, assuma uma postura propositiva e busque, continuamente,

estabelecer novas produções subjetivas que fortaleçam os discursos contra-hegemônicos e ressignifiquem as construções sociais com respeito à diversidade.

Referências

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 5. out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 15 ago. 2020.

BRASIL. Decreto nº 186, de 9 de julho de 2008. **Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 jul. 2008. Disponível em: . Acesso em: 15 ago. 2020.

BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. **Promulga a convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu protocolo facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 26 ago. 2009. Disponível em: . Acesso em: 15 ago. 2020.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a lei brasileira de inclusão da Pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 6 jul. 2015. Disponível em: . Acesso em: 15 ago. 2020.

COLEGAS. Direção: Marcelo Galvão. Produção: Marcelo Galvão e Marçal Souza. Roteiro: Marcelo Galvão. São Paulo: Europa Filmes, 2013. (94 min.). Disponível em: <https://www.netflix.com/br>. Acesso em: 20 ago. 2020.

COLEGAS, o filme. Disponível em: <https://blogcolegasofilme.com>. Acesso em: 20 ago. 2020.

DELEUZE, G. **O que é um dispositivo**. 1996. Disponível em: http://www.uc.pt/iii/ceis20/conceitos_dispositivos/programa/deleuze_dispositivo. Acesso em: 21 ago. 2020.

FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. 7. ed. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 2. ed. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GALVÃO, M.; GOLDENBERG, A. **De frente com Gabi** - Elenco do Filme "Colegas" (parte 1). 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=leNs6N6VnP4&t=723s>. Acesso em: 22 ago. 2020.

GALVÃO, M.; POKK, R. **De frente com Gabi** - Elenco do Filme "Colegas" (parte 2). 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTAwWskBhdK>. Acesso em: 22 ago. 2020.

GALVÃO, M.; VIOLA, B. **De frente com Gabi** - Elenco do Filme "Colegas" (parte 3). 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eqOy-yqVmWY&t=467s>. Acesso em: 22 ago. 2020.

GOLDENBERG, A.; POKK, R.; VIOLA, B. **De frente com Gabi** - Elenco do Filme "Colegas" (parte 4). 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eVPfis0XOho&t=13s>. Acesso em: 22 ago. 2020.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 10 de dezembro de 1948**. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10133.htm. Acesso em: 18 ago. 2020.

PRIMEIRO FILME. **Enquadramentos: planos e ângulos**. Disponível em: <http://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SANTOS, M.; MARCELINO, T.; KÖCHE, J. Narrativa Cinematográfica: um dos mundos possíveis para adentrar o universo conceitual da hospitalidade. **Revista Turismo em Análise**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 454-468, ago. 2016.

SASSAKI, R. K. Brasília: **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Entrevista concedida a LANNA JÚNIOR, M. C. M., 2010.

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA - SDH/PR. **Cartilha do Censo 2010**: pessoas com deficiência. Brasília: SDH-PR/SNPD, 2012. Disponível em: <http://www.unievangelica.edu.br/novo/img/nucleo/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

VANOYE, F.; GOLIOT-LÉTÉ. **Ensaio sobre análise fílmica**. 4. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

VERONEZI, D. P. O. **Construção do sujeito com síndrome de Down no cinema brasileiro**: estudo do dispositivo de inclusão social a partir do filme "Colegas". 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/9133>. Acesso em: 20 ago. 2020.